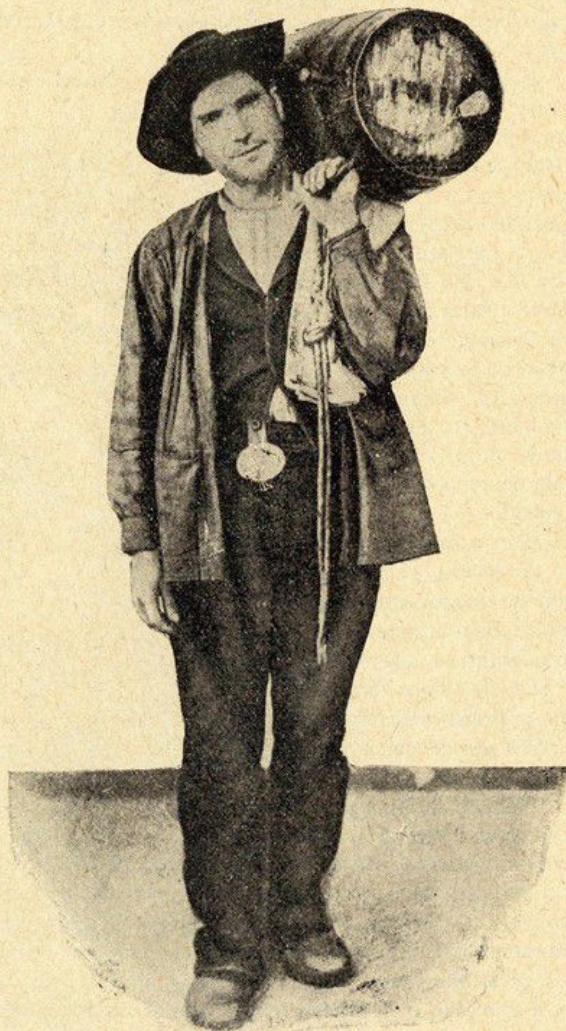


AGUAS, AGUADEIROS E... AGUADOS

AS CONDENSAÇÕES FILOSÓFICAS SCIENTÍFICAS E JURÍDICAS DAS AGUAS — A REALIDADE BÍBLICA NO SÉCULO XX — A SÊDE DO LISBOETA DEVE TORNAR-SE UM COPIOSO TRIUNFO ELEITORAL.

Ao invés de Danton, qualquer de nós teria dito que, antes do pão, a água é a primeira necessidade do homem. As populações promíscuas e bárbaras pouco estimam o vaporoso adversário das sécas e das imundícies, que nas grandes metrópoles domina as preocupações dos párias da sede e da higiene. São êstes párias que, mergulhados nos confortos da civilização, sonham a ventura, comum e desaproveitada no camponês e no aldeão, de se aconchegarem a uma nascente onde se banhassem num regato, libertas da ditadura de monopólios, que afogam necessidades humanas.

Sobre a água se tem condensado núvens de especulações filosóficas e científicas, núvens que se desfazem em aguaceiros de conceitos e provérbios. Aristoteles dizia ser a água um dos quatro elementos do universo; Tales de Mileto via nela a origem de todos os outros corpos; Pernio atribuía a sua existência à condensação do ar; Newton acreditava num vapor liquido em contacto com o ar; Boyle, Leibnitz, Marggraf procuravam a formação da agua nas transformações do calor; finalmente, para não enumerar mais, Cavendish, Lavoisier, Watt descobriam as propriedades do hidrogeneo e do oxigénio na composição do liquido. Nos nossos dias, Carlos Pereira afirma as propriedades da Companhia de Lisboa nas correntes do Alviela e demonstra que a agua condensada nas altas regiões do Terreiro do Paço se dilúí em chuvas frequentes



O aguadeiro português



Num chafariz em Nápoles

de grossas quantias, que vão inundar, acima de todos os níveis, os cofres do potentado.

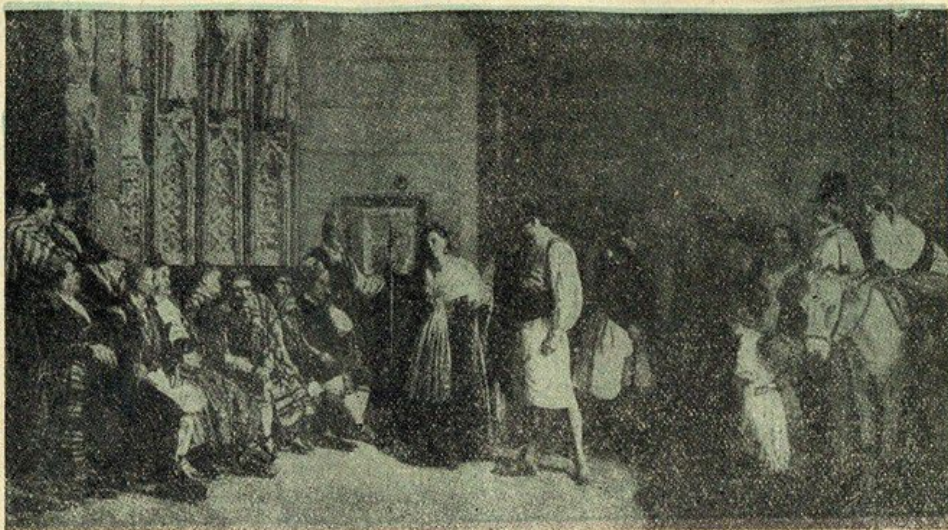
Os campos do Direito foram transbordados por grandes rios de legislação, onde marinham agitados interesses e problemas insolúveis. Os gregos determinavam uma equitativa distribuição das aguas e desviavam o curso dos rios para aproveitar a todas as terras. E tais partilhas eram comparadas por Platão à distribuição do sangue no corpo humano. Os romanos davam uma grande importância às águas e, além das aplicações comuns, usavam-na para os rituais das purificações, dos sacrifícios e dos casamentos. Quási todas as águas correntes eram usufruto comum, apenas se tolerando que as correntes inavegáveis fossem propriedade restrita de particulares. O direito internacional, que apenas se refere ao domínio dos mares e rios internacionais, foi regulado pelo tratado de Viena de Austria, firmado por muitas na-

ções, no ano de 1815.¹ Todos os Estados teem legislação sobre a propriedade, classificação e aproveitamento das águas.

Em Espanha, são concedidos privilégios para usufruto pessoal d'as águas correntes, resalvando-se o interesse público. Constituíram-se Tribunais de Águas para resolver as questões suscitadas pela posse das águas, obras e prejuízos. O tribunal de Valência ficou célebre pelas questões levantadas, que puzeram a cabeça em água a tantos contendores e juízes.

Os temas e as acepções da água formam já um complicado delta de designações industriais, litúrgicas, químicas, zoológicas, botânicas e sanitarias. A arte, as lendas aquáticas também formam um imenso caudal de motivos e de concepções. O que mais impressiona a imaginação dos artistas é o episódio bíblico de Moisés fazendo brotar a água no deserto, com a sua varinha. Os mestres da pintura não desdenharam da água como um assunto inexaurível para a beleza das suas obras.

Na mitologia, também a água teve cultos. Os árias afirmavam ser Varuna, o pai de todas as águas celestes e igual conceito faziam os irânios da deusa Ardvicura. O gigantesco rio Nilo, segundo os egípcios, era navegado pelos deuses, e só os deuses conheciam os astros e as fontes da Terra. O Nilo servia também de leito a um deus bisexual. Os egípcios usavam das águas deste rio para os seus ritos. Os germanos chamavam o senhor das águas ao deus Nix, génio dos rios, arroios e estanques. O culto, que os índios da América prestavam, significava que a água fecundava a terra. São numerosos os mitos dos gregos e dos romanos: Pontos, filho de Goa, personificava o mar, Nireos, filho de Pontos, o movimento das águas e



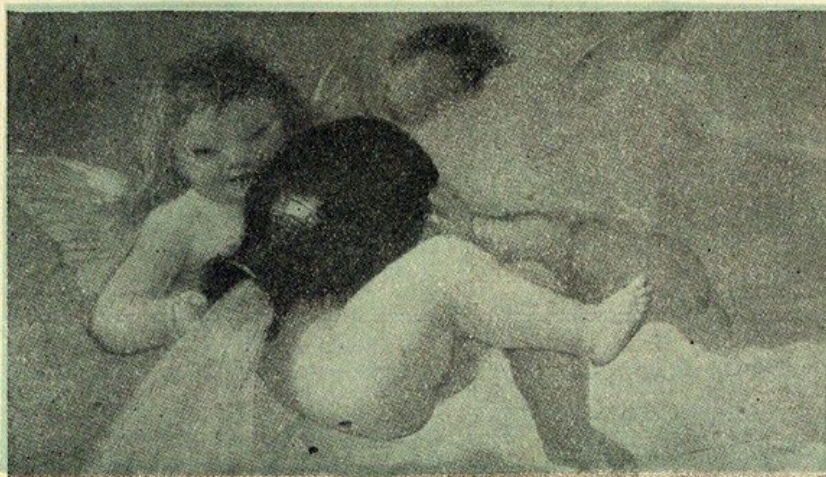
Tribunal das Águas, por Ferrandiz (Museu de Bordeus)

as Naiades eram as belezas do Oceano. Neptuno era o deus romano dos mares. Entre os lisboetas, o sr. Carlos Pereira é o deus da sede e a água da Companhia um mito, adorado e desejado.

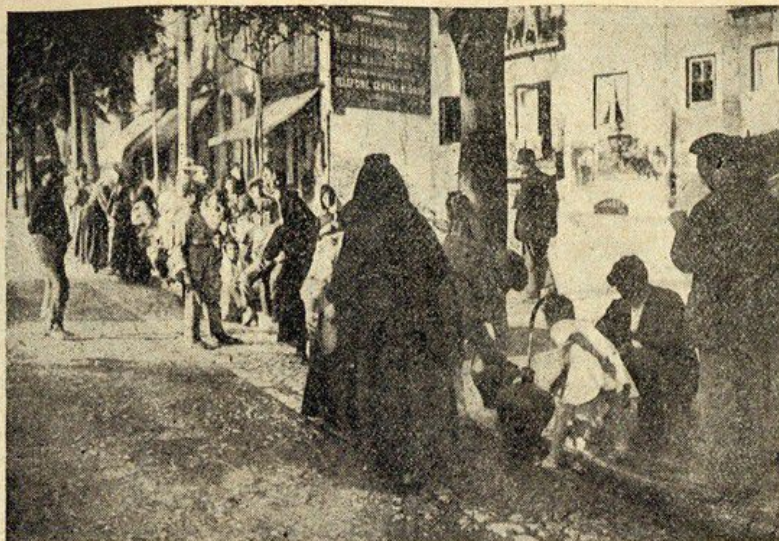
Moisés passou em Raphidim, quando os homens clamavam angustiadamente por água que lhes afogasse a sede do deserto. E a varinha de Moisés bateu três vezes numa rocha, e da rocha brotou logo uma nascente que nunca mais secou. O lisboeta também clama por água, sem viver no deserto.

E o onipotente Carlos Pereira, que simboliza o mito da Companhia, não vem bater três vezes com o seu bengalão (que são as varinhas do século XX) nas fontes ressequidas. Mas dá ao sedento — mais sedento do que higiénico — lisboeta a realidade de todas as locuções bíblicas. Reduz uma pessoa a «comprar água», o que é sinal de extrema miséria; dá-lhe depois uma quantidade restrita do que vem a ser «água de angústia»; amargura a existência com «água de fel»; força o lisboeta a rebentar bocas de incêndio para trazer a «água furtiva», símbolo de prazeres interditos e, no fim do mês, dá-lhe a «água da expiação», que o lisboeta paga sem protesto.

Tornou-se bíblica a tortura desta cidade de paralelepípedos e lixo. No verão, dá-se ao pobre consumidor — água pela barba. A praga dos aguadeiros, que divinizam Carlos Pereira, caiu sobre a capital de um país sem civilização. Pedem uma fortuna por dez litros de uma água contaminada dos germens de tifo, extraída, em fontes impuras, de uma canalização que cruza com os esgotos. Esgotados ficam os recursos do consumidor ao terceiro barril que o aguadeiro lhe impinja, e passa a apelar para o fogo, na ânsia de uma gota de água. Quando arde um prédio, todo o bairro tem água abundante — razão poderosa que pode levar o lisboeta a exigir



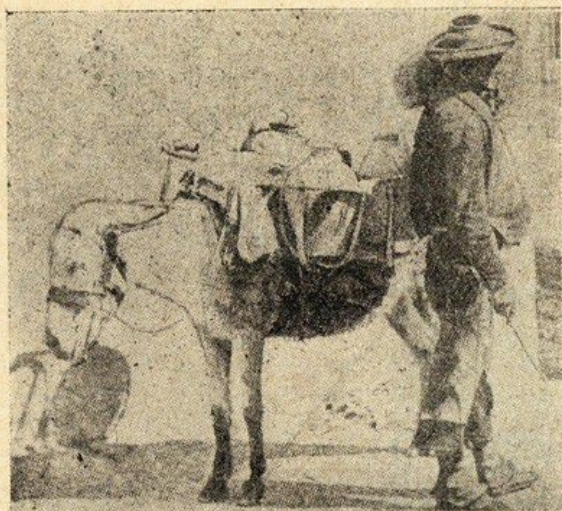
A Água. Sobreporta do palácio Celesia, por Barabino (Genova)



Bicha a uma fonte pública em Lisboa

que arda um bairro inteiro para que a cidade mate a sede e lave os pés, ao menos, uma vez na sua vida.

De resto, os aguadeiros são fontes principais das populações sem água e sem civilização. Que saibamos, os aguadeiros só medram na Espanha medieval, no Marrocos premievo, entre os nómadas do Cairo e de Jerusalém, no México e em Portugal. Nos países adiantados, nem sequer se vendem capilés ou copos com água. Em Lisboa, pois, os aguadeiros são as fontes publicas, mas o habitante é que escorre com uns atribulados escudos, se quere ter um pote cheio de água. As Águas Livres foram captadas por um gigantesco e inútil aqueduto que per-



Aguadeiro cordovez (Espanha)



Uma aguadeira napolitana

Todo o pensamento vigoroso, toda a palavra enérgica, todo o esforço no grande combate da justiça e da liberdade repercutem-se de homem a homem, de povo a povo e desde o o velho curso dos tempos ate ao mais distante futuro.

E. RECLUS